

A ideia veio quando Vera, depois de ter viajado o mundo como modelo, percebeu como era difícil conseguir trabalho nessa área no Brasil. Diferentemente de outros países, por aqui não havia serviços que centralizassem as vagas e fizessem a ponte entre quem contratava e quem buscava trabalho. “Quando atuava como modelo, era comum ter de enviar 25 e-mails por dia e esperar semanas pelas respostas”, diz Vera. “Era muito difícil, os contratantes sempre me pediam fotos pesadas demais para ser enviadas.” A startup ganhou fôlego quando Vera foi estudar gerenciamento de projetos na Universidade Stanford e começou a conviver com colegas que vinham de empresas como Google e Apple. “Vi que podia usar a tecnologia como solução”, afirma Vera, que hoje mora em Los Angeles.

Para desenvolver o site, ela teve apoio do Startup Rio, que financia empreendimentos em tecnologia. A plataforma ganhou também verba de uma empresa-anjo de São Francisco, o que possibilitou que Vera montasse seu time — hoje de quatro pessoas. Em parceria com o Sindicato de Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversões (Sated) e a ABPITV (Associação Brasileira de Produtores Independentes do Brasil), a inCast quer ser o polo de contratações do setor. Vera estima que, entre artistas e especialistas, como roteiristas e técnicos de som, 11 milhões de profissionais busquem emprego na indústria de entretenimento.

O cadastro é gratuito, mas, para enviar currículo, os usuários pagam uma mensalidade de 29,90 reais — as empresas não pagam nada. Entre os serviços oferecidos estão certificação de currículos e seminários com profissionais experientes do mercado. A empresa deverá contratar nos próximos meses um produtor e um profissional que atue com marketing digital.

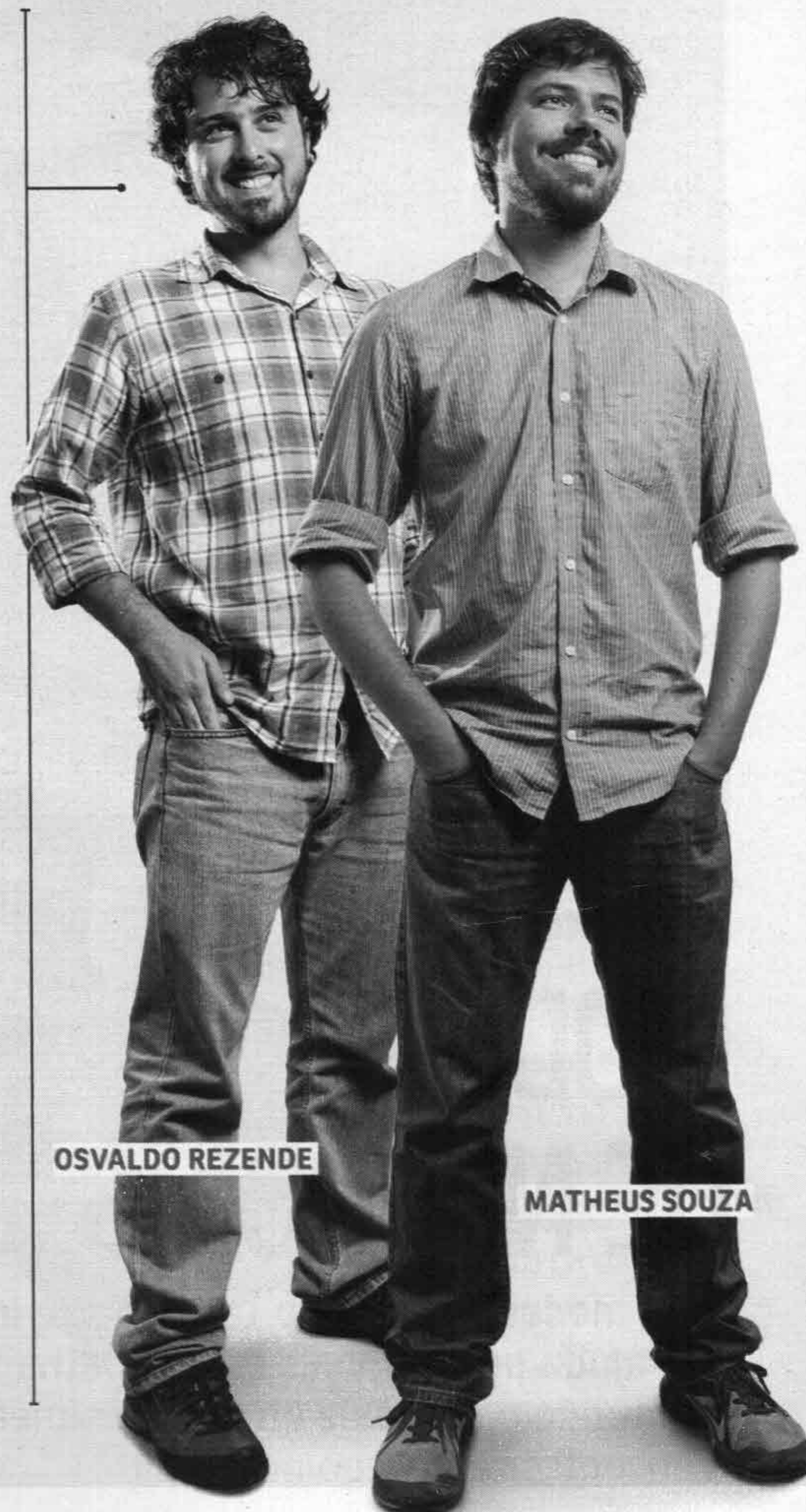
Água

ONDA DE INOVAÇÃO

Antes que a seca no Sudeste ganhasse as manchetes dos jornais, quatro startups da incubadora Coppe, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, já desenvolviam tecnologias para o tratamento e o reaproveitamento da água. Os empreendedores apostam que, agora, a demanda pelas soluções vai crescer

DRENAGEM SUSTENTÁVEL

O engenheiro civil Osvaldo Rezen-
de notou, ao lado de seu colega
de universidade Matheus Souza,
a baixa eficiência dos sistemas
tradicionais de drenagem e es-
coamento de água no Brasil, como
os piscinões. Essas construções,
famosas nas grandes cidades
brasileiras, não são nada susten-
táveis. Isso porque a água das
chuvas captada não é tratada e
acaba se perdendo. E o espaço
também é desperdiçado: se não
chove, os piscinões não têm razão
para existir. “Você tem aquele
monte de concreto que fica sem
uso durante a maior parte do ano”,
diz Osvaldo. Pensando nisso, foi
fundada a AQUAFLUXUS, empresa
que faz mapeamento eletrônico
dos sistemas hídricos e cria es-
paços de lazer e esporte em torno
dos piscinões. O sistema pode ser
usado, também, para administrar e
prevenir enchentes. “Conseguimos
simular como a chuva se com-
porta ao tocar o solo e pensar em
soluções”, diz Osvaldo.



OSVALDO REZENDE

MATHEUS SOUZA

PREVENÇÃO DE DESASTRES

Em 2010, após os desabamentos causados pela chuva em Angra dos Reis, que mataram 53 pessoas, os sócios da **GEOVOXEL** começaram a pensar em tecnologias que pudessem evitar novos acidentes. Foi assim que surgiu o GVX, sistema que integra dados da aproximação de chuvas e do comportamento do solo e de construções, prevendo riscos como os deslizamentos de terra. A inovação pode servir tanto para construtoras (a empresa já atendeu a Odebrecht) quanto para medidas de segurança pública. "Não queremos que novos desastres aconteçam, e nosso sistema pode salvar vidas", afirma Louis Losier, um dos sócios da Geovoxel.



LOUIS LOSIER

SEM SAL

O negócio da **SEAHORSE**, fundada pelos engenheiros Rafael Malheiro e Paulo Roberto da Costa, é usar o oceano como fonte de energia e água limpa. A empresa, que já tem cinco patentes registradas no exterior e no Brasil, desenvolveu uma tecnologia que gera eletricidade a partir das ondas do mar e consegue tirar o sal da água, tornando-a potável. A técnica já é usada no porto de Pecém, no Ceará, e no Rio de Janeiro. "A maior parte da população brasileira vive perto da costa, e queremos expandir o alcance de nossa tecnologia nacionalmente", diz Paulo. No portfólio da Seahorse estão trabalhos para a Eletrosul e a Tractebel.

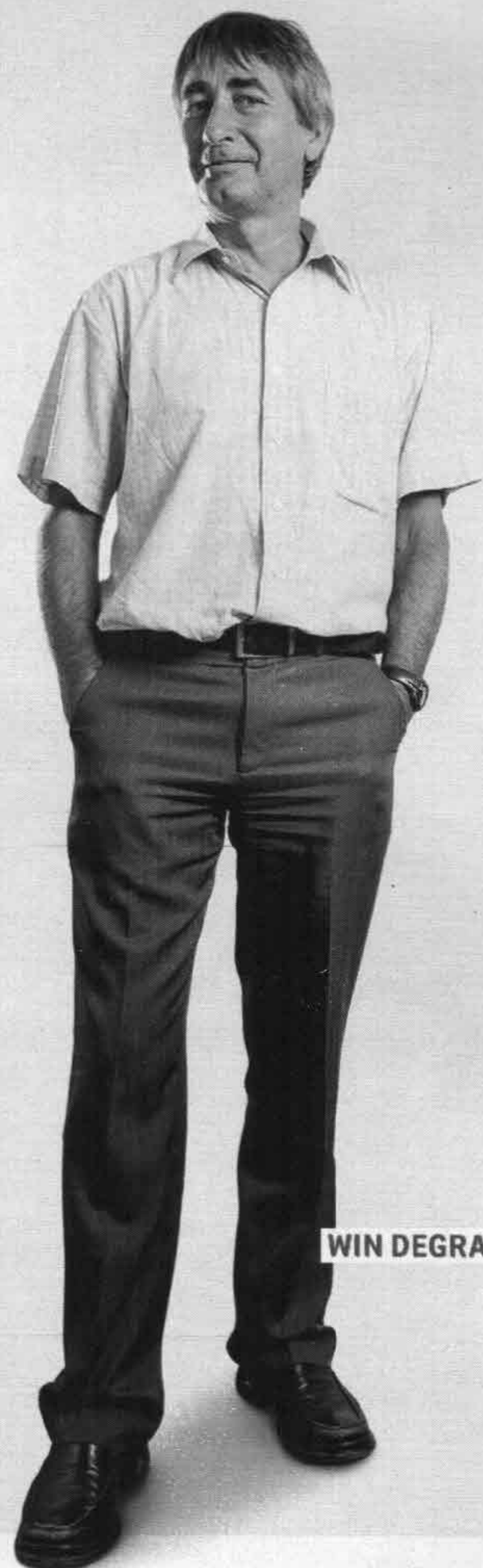


RAFAEL MALHEIRO

PAULO ROBERTO DA COSTA

BACTÉRIAS DO BEM

A ideia da **BIOTECAM** surgiu quando Win Degrave e Ricardo Remer perceberam que poderiam solucionar um dos grandes entraves no tratamento de esgoto e resíduos industriais: o gasto de energia. Descobriram que tecnologias como a aeração forçada (introdução de oxigênio na água) e o uso de bactérias são mais eficientes. A empresa também atende aquicultores que querem despoluir e melhorar o ambiente das águas em que são criados peixes e camarões. "Restauramos os organismos e deixamos a água mais saudável", diz Win. A demanda deve aumentar com os projetos de limpeza na Baía de Guanabara, no Rio de Janeiro, por causa da Olimpíada.



WIN DEGRAVE